

## A Universidade e a Travessia para um Novo Tempo: Interrogando o (Não) Ser Feliz em Tempos Incertos

*The University and the Crossing into a New Time:  
Interrogating the Uncertain Times (Not) Being Happy*

Valdeni da Silva Reis<sup>1</sup>

Carolina Fernandes Archer<sup>2</sup>

Kely Cristina Silva<sup>3</sup>

Nathalie Alacoque Barros<sup>4</sup>

Brenda Kelly Lopes do Nascimento<sup>5</sup>

**RESUMO:** Este artigo objetiva compreender o (não) ser feliz contemporâneo, através da análise das reflexões e resultados de um minicurso ofertado pelo projeto extensionista UNISALE Parceira Universidade-Escola, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais a professores em formação inicial/continuada, interrogando seu (não) ser feliz. A partir de um viés metodológico qualitativo-interpretativista, são analisadas a preparação e execução do minicurso. Com a análise e discussão das narrativas dos participantes, apreendemos o possível “desacostumar-se” (Colasanti, 1972) do modo automático de (vi)ver a vida. Assim, defendemos ser necessário

---

<sup>1</sup> Professora adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1497-6800> E-mail: [valdeni.reis@gmail.com](mailto:valdeni.reis@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística Aplicada com ênfase em Plurilinguismo, políticas linguísticas e educação bilíngue pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da Universidade Federal de Minas Gerais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1141-5805> E-mail: [carolarcher26@gmail.com](mailto:carolarcher26@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1118-395X> E-mail: [kelcristam2012@gmail.com](mailto:kelcristam2012@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestranda em Linguística Teórica e Descritiva pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da Universidade Federal de Minas Gerais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2568-0623> E-mail: [nathaliealacoque@gmail.com](mailto:nathaliealacoque@gmail.com)

<sup>5</sup> Graduanda em Letras/Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9308-0561> E-mail: [brendakeelly@gmail.com](mailto:brendakeelly@gmail.com)



refletir o movimento de se tornar presença (Biesta, 2017) nas ações e relações que vivenciamos, abrindo-nos à experiência larrosiana (Larrosa, 2018).

**PALAVRAS-CHAVE:** UNISALE, Formação de professores, COVID-19, Experiência, Tornar-se presença.

**ABSTRACT:** This article aims to understand contemporary (non-)happiness by analyzing the reflections and results of a mini-course offered by the UNISALE extension project at the Faculty of Letters of the Federal University of Minas Gerais. This mini-course questioned the (non-)being happy of teachers in initial/continuing training. Following a qualitative-interpretative methodology, analysis and discussion of participants' narratives were conducted. We learned that it is possible to become "unaccustomed" (Colasanti, 1972) to the automatic way of (seeing) life. Thus, we argue that it is necessary to reflect on the movement of becoming a presence (Biesta, 2017) in our actions and relationships, opening ourselves up to the Larrosian experience (Larrosa, 2018).

**KEYWORDS:** UNISALE, Teacher Education, COVID-19, Experience, Becoming presence.

## 1. NO COMEÇO, PARECIA O FIM

O advento da pandemia de COVID-19, que ganhou força no Brasil ao longo do ano de 2020, fez com que muitas pessoas perdessem a perspectiva e tivessem suas possibilidades de futuro ameaçadas pelo medo, pela ansiedade e pela insegurança que circundavam toda a humanidade. Em meio a tantas incertezas disseminadas no começo da pandemia, o desespero alcançou a muitos; a esperança foi afugentada e parecia o fim. A Universidade precisava, assim, fazer-se travessia sendo presença junto à sociedade em suas ações e projetos de ensino-pesquisa-extensão como sinal de esperança, de colaboração e de ponte para tempos menos sombrios.

O Projeto de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG, intitulado “UNISALE Parceria Universidade-Escola” atua no intuito de combater a distância histórica entre a universidade e a educação básica, a partir de um trabalho colaborativo para a compreensão e aprimoramento do ensino da língua inglesa (LI) nas escolas públicas por ele atendidas. O UNISALE se dispõe, deste modo, a se colocar em movimento, indo até o ambiente escolar no intuito de aprimorar a interação escola-universidade, na medida em que se coloca a serviço do professor de LI, de sua realidade

profissional e de suas demandas didático-pedagógicas, fomentando, colaborativamente, soluções às diversas inquietações vivenciadas em seu fazer (Reis *et al.*, 2022; Campos e Conceição, 2023).

Uma vez que trabalhamos a partir do desejo, realidade, demanda e necessidade dos professores que buscam nossa parceria, somos sempre convocados a nos reinventarmos como projeto, aprimorando nossa capacidade de escuta, mas, sobretudo, nossa atuação e o alcance de nosso próprio fazer, junto aos professores parceiros. Somos constantemente desafiados a traçar novos caminhos para que nosso ato de nos colocarmos inteiramente à disposição do professor-parceiro ressoe em sua prática em forma de novas possibilidades que tragam mais conforto, entusiasmo e segurança em seu fazer.

No início da pandemia em 2020, o UNISALE não demorou a reagir e a se colocar à disposição do professor em suas demandas urgentes para enfrentar o referido momento. A partir da colaboração entre a equipe e professores, realizamos pronta discussão para aprimorar o ensino remoto de inglês nas escolas públicas. Elaboramos, assim, planos de ação, tais como: tutoriais sobre TICs, participação em aulas síncronas junto ao professor, produção e edição de videoaulas, projeto interdisciplinar sobre alimentação saudável durante a pandemia, produção de um dossiê junto a uma professora-parceira sobre relação escola-aluno-professor; produção de narrativas escritas pelos parceiros sobre a parceria universidade-escola remota durante o ano de 2020 e, até mesmo, a produção do PET VI - Plano de Estudos Tutorados para todas as escolas estaduais de Minas Gerais.

Contudo, ao término do ano de 2020, a pandemia do COVID-19 persistia e seus efeitos ganhavam contornos ainda mais dramáticos. Isto é, muito facilmente nos foi possível apreender o modo sofrido e preocupante com que alunos (da graduação, da pós e da escola pública) e professores estavam lidando com as restrições e com os acontecimentos desse atípico tempo. Notamos aí, a existência de muita angústia e de ansiedade advindas de incertezas e da ausência da relação com o outro e com o espaço escolar. Todos pareciam muito infelizes e focados nos aspectos restritivos e negativos deste tempo tão peculiar - a sensação de estar vivendo o “fim dos tempos” ainda se fazia presente e de forma muito avassaladora.

Então, inspirados em Dannen (2020), que defende que nos contextos escolares durante a pandemia, as pessoas deveriam vir em primeiro plano, o conteúdo em segundo e as questões referentes à tecnologia por último, entendemos como urgente adaptar os objetivos didático-pedagógicos do Projeto UNISALE e falar sobre (in)felicidade e suas (im)possibilidades no tempo atual. Nossos esforços enquanto projeto, cuja filosofia se ancora justamente na relação com o outro e com sua demanda/necessidade, deveriam estar focados, portanto, no bem-estar do sujeito.

Para além das demandas didático-pedagógicas, havia, assim, a necessidade de não ignorarmos a saúde física e mental de professores e alunos envolvidos em nosso projeto - aspecto hoje já ressaltado como uma das principais consequências do tempo pandêmico para as relações docentes (Mendes e Silva, 2023) e para o âmbito educacional como um todo (Souza e Martins, 2022). Do mesmo modo, o UNISALE assumiria sua posição mais séria e desafiadora, pois deveria fazer um movimento inverso do habitual. Isto é, sempre fomos até o outro, sendo este o professor de inglês e sua comunidade escolar, a fim de conseguirmos pensar em possíveis soluções aos impasses de sua prática, por meio da escuta e da observação de sua realidade. O movimento se dava, portanto, de fora para dentro do Projeto. Agora, no entanto, era necessário percorrermos um caminho diverso, arriscando e olhando primeiramente para dentro.

Em outras palavras, antes de expandirmos a proposta a nossos parceiros, deveríamos nós mesmos fazer a travessia: desbravar os caminhos, perfazendo um movimento de dentro para fora. Deveríamos levar nossa equipe - que também padecia dos mesmos conflitos oriundos da pandemia - a uma profunda reflexão de suas emoções e de seu modo de (se) ver o mundo. Era necessário que a equipe - ali também já se constituindo como autoras da presente escrita - se compreendesse em seus sentimentos de (in)felicidade, aprofundando o modo como se conhecia, se via e se colocava nos eventos e nas relações à sua volta.

Nesse cenário, após toda caminhada interna, estabelecemos o minicurso UNISALE FELIZ como resposta ao sentimento de ansiedade, de angústia e de não-lugar enfrentado por professores e alunos durante o longo e complexo período de isolamento. O intuito foi, assim, levar nossos participantes a refletirem sobre como se encontravam neste momento ímpar na História. Ao mesmo tempo, todos também deveriam compreender a percepção que trazem de si, do outro,

da escola, na tentativa de deflagrar uma nova possibilidade de olhar para os acontecimentos recentes. Nosso desejo era instigar a insurgência de um olhar menos automático, mais esperançoso “apesar dos perigos” (Lins, 1980).

O presente artigo objetiva, assim, interrogar e compreender o (não) ser feliz na atualidade - nesses tempos incertos - por meio do planejamento, ações, reflexões e resultados obtidos a partir do referido minicurso. De modo mais específico, pretendemos fomentar a reflexão acerca da possibilidade de o sujeito, ao se tornar presença (Biesta, 2017), abrir-se a momentos de experiência (Larrosa, 2018), e então se flagrar capaz de suportar a felicidade em seus (des)encontros e suas (im)possibilidades. Essa iniciativa caminha junto à nossa certeza de que, em tempos de desassossego e (des)esperanças, a universidade deve responder à sua responsabilidade social de se fazer presente nas crises do mundo e do sujeito, jamais se omitindo em seu dever de tomar uma posição “genuinamente colaboradora”, que “exige, pois, mudança de olhar, no agir e no exercício de se colocar a serviço das necessidades do outro” (Reis; Campos, 2021, p. 209). Conforme nos lembra Nóvoa (2019, p. 55) é dever da universidade se arriscar e se envolver com a sociedade com ousadia, conhecimento e senso crítico para a compreensão do que nos parece nebuloso, incerto ou sem sentido.

Percorremos aqui, portanto, o caminho reflexivo trilhado rumo ao desenvolvimento do minicurso UNISALE Feliz. Dessa forma, é preciso compreender que o presente artigo visa dar vazão à travessia empreendida durante o processo de construção de nossas reflexões para o evento, desafiando, muitas vezes, metodologias positivistas de escrita acadêmica. Assim, primeiro propomos uma discussão acerca da relevância do tema “felicidade” para o mundo contemporâneo. Em seguida, defendemos a felicidade como instância possível apenas por meio da experiência (Larrosa, 2018) de um ser que se permite tornar-se presença (Biesta, 2017). Então, apresentamos o processo metodológico para a concepção do minicurso, a partir de narrativas escritas pelos bolsistas e voluntários do projeto, a fim de retratar o processo interno pelo qual passamos em preparação

---

<sup>6</sup> Aqui, no título e em vários momentos ao longo da escrita, fazemos referência à canção Novo Tempo interpretada por Ivan Lins. Esta música fez parte de nosso minicurso/oficina, conforme detalhado ao longo da proposta.

para o evento. Finalmente, detalhamos o minicurso em si, bem como alguns de seus resultados e, enfim, estabelecemos nossas palavras finais.

## 2. E POR FALAR EM FELICIDADE: COMO VAI VOCÊ?

Temos a impressão de que desde a mais tenra idade, somos levados a não refletir, interrogar ou compreender a natureza e o desdobramento daquilo que sentimos, de como nos sentimos e de como estamos. A pergunta ‘como vai você?’, aliás, nos leva a vivenciar uma espécie de treinamento para o não sentir, para um não estar e para o abafar de nossas emoções mais genuínas. Isso parece acontecer na aprendizagem de todas as línguas. Como professores de inglês, por exemplo, ensinamos e ensaiamos exaustivamente para que os alunos sejam capazes de responder ‘lindamente’, em coro, um “*I’m fine, thanks*”, ao som de nossa pergunta entusiasmada “*How are you (doing)?*”. Para nós, aquele coro ritmado e forte é um belo indicador do sucesso para o nosso fazer. Pouco nos interessamos, deste modo, em fazer com que o aluno tenha a oportunidade de elaborar o seu aqui e agora, de modo a construir uma resposta que seja verdadeiramente significativa para aquilo que ele vive no momento.

Isso nos reporta também a uma musiquinha muito ‘fofa’ e muito executada na educação infantil ou musical como estratégia de acolhida. Na referida música, o professor canta, colocando o nome do aluno, que deve responder ‘legal’ dentro da cadência do som: “*Olá, Maria, como vai você?*” (2x); Maria deve responder um animado “*Legal!*”. E isso se repete até que todos os alunos tenham respondido o mesmo “legal”, ainda que isso não seja muito legal. Vamos sendo, assim, jogados nas relações de modo automático sem ouvirmos muito o outro e a nós mesmos, e seguimos sem compreender o universo complexo daquilo que sentimos e das possibilidades para sua expressão. Não temos paciência ou tempo para ouvirmos o outro, e pouco sabemos de nós mesmos.

Paradoxalmente, parece que, ao mesmo tempo, somos também ‘programados’ para viver uma constante busca por algo genericamente denominado felicidade. Sabemos, assim, que a busca pela felicidade ou por sua compreensão mais bem elaborada não é algo recente ou sem controvérsias. Segundo Minois (2011), todas as civilizações até hoje registradas nos permitem localizar em seus escritos algo referente ao tema. O autor defende que “desde que o homem tomou

consciência de sua condição, ele mensurou sua infelicidade e seus limites, e expressou sua aspiração por um mundo melhor, isto é, sem sofrimentos”. (Minois, p. 2011, p.5).

Vemos, com isso, que o tema tem estado presente na filosofia (Lenoir, 2016) ou na religião por séculos, sendo vastamente encontrado e debatido em escritos de Confúcio, Buda, Sócrates e Aristóteles, dentre tantos outros e por tantas civilizações<sup>7</sup>. Dezenas de versículos bíblicos cantam ou descrevem o caminho para a felicidade<sup>8</sup>. Por outro lado, estudos sobre o tema dentro da psicologia e psiquiatria são mais recentes, tendo ganhado espaço somente nos últimos anos (Ferraz; Tavares; Zilberman, 2007). Segundo os autores, a inauguração da psicologia positiva abre o campo para os estudos em torno de afetos positivos como a felicidade, a gratidão, o bem estar, a resiliência, dentre outros.

Também é recente e igualmente crescente a concepção de que a educação pode se beneficiar dando mais espaço às questões referentes à felicidade (Eduardo, 2017; Viana; Oliveira, 2013, entre outros) em suas investidas de cunho teórico e prático. Muitas universidades, a começar por Harvard e Yale, nos Estados Unidos, mas chegando a outros países, como aqui no Brasil, com a UNB e a UNICAMP, têm se debruçado sobre a necessidade de falar sobre felicidade por meio da oferta de cursos sobre o tema.

Nesse movimento, temos a oportunidade de refletir sobre o modo automático como nos colocamos nas relações com os outros e conosco, repensando a possibilidade de elaborar outras respostas para além do *'legal'* ou do *'bem, obrigada'*. Ao mesmo tempo em que, também abandonando o modo automático de viver e de ouvir o outro à nossa volta, nos abrimos e nos interessamos por suas outras possíveis respostas a esta pergunta.

Vemos, assim, que a capacidade acerca da compreensão do que significa sentir, ser feliz e vivenciar a felicidade pode ser um caminho de conhecimento e de aprofundamento de si e das relações humanas. Vemos, assim, que a definição do termo felicidade está sempre ligada a emoções

---

<sup>7</sup> Um bom panorama sobre o tema pode ser encontrado em <https://www.pursuit-of-happiness.org/history-of-happiness/> Acesso em 15 de dezembro de 2021.

<sup>8</sup> Ver, por exemplo: <https://www.bibliaon.com/felicidade/> Acesso em 15 de dezembro de 2021.

ou a um estado emocional positivo, dentro do qual a sensação de prazer e de bem-estar se faz presente (Ferraz, Tavares, Zilberman, 2007).

Para Seligman et al. (2005), felicidade é um perene estado de bem-estar prenhe de satisfação por meio de eventos bons, prazerosos e cheios de sentido vivenciados em nossas vidas. Já Martin (2012), defende que a felicidade pode estar mais perto e acessível do que imaginamos, uma vez que o impacto de fatores como atividades físicas, redes sociais, consumismo, generosidade, gratidão e resiliência podem nos indicar os elementos a partir dos quais nos sentimos em contato com a felicidade.

Contudo, não objetivamos, aqui, aprofundar nas muitas facetas teóricas ou conceituais em torno do tema<sup>9</sup>, mas sim provocarmos uma reflexão acerca da necessidade de chegarmos a uma definição própria e singular do termo felicidade e o que isso representa em nossa vida. Isto é, para além de qualquer levantamento teórico acerca do tema e de sua definição categórica, precisamos ser instigados a elaborar o que cada um de nós compreende por felicidade, por ser feliz e sobre o modo como nos abrimos ou não a esta definição ou sensação.

Entendemos como crucial a necessidade de interrogarmos o que significa ser feliz. Nesse sentido, vemos esta interrogação como uma expansão da pergunta *'como vai você?'*, que pode desencadear uma nova postura e interesse em parar para ouvir, sentir e elaborar respostas saindo do automático e das respostas vazias. Ao provocar uma definição própria para o termo felicidade e ser feliz, provocamos, ao mesmo tempo, uma elaboração do sentir, indo além do simplório 'legal', ou do 'bem, obrigada'. Deste modo, perguntamos ao nosso leitor: como você define felicidade? Para você, o que é ser feliz? Você é feliz? Sendo corajosos ao propormos tais perguntas, estamos também defendendo que para se chegar a respostas menos automáticas, a mesma coragem é necessária.

---

<sup>9</sup> Para tal, ver, por exemplo, Eduardo (2017); Martin, (2012); Ferraz, Tavares E Zilberman, (2007); <https://www.pursuit-of-happiness.org/history-of-happiness/>, entre outros.



### 3. ENTÃO, PARA SER FELIZ É PRECISO CORAGEM: A EXPERIÊNCIA DE TORNAR- SE PRESENÇA

De acordo com Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), a felicidade pode ser produzida por muitos estados, como o amor, a alegria, o prazer, a serenidade, entre outros, sendo, assim, ligada a experiências vivenciadas pelo sujeito. Esta articulação se revela fundamental para a proposta aqui delimitada, ao nos reportar ao conceito de experiência elaborado pelo filósofo e educador espanhol Jorge Larrosa.

Para Larrosa (2018, p. 25) a experiência “é um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova!”. Sob a ótica do autor, experiência é aquilo que de modo indelével perpassa o sujeito, transformando-o de algum modo. Em suas palavras, “experiência é aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (Larrosa, 2018, p.25-26). Assim, parar para sentir, provar e experimentar o que compreendemos como felicidade, quando ela nos passa e nos acontece, pode nos abrir para camadas menos superficiais daquilo que sentimos e do modo como aí nos constituímos.

Ao refletirmos e interrogarmos o sentido da felicidade e do nosso (não) ser feliz, abrimos-nos para a possibilidade de experimentar uma compreensão mais bem elaborada e feliz sobre nossas emoções. Deste modo, entendemos que a busca por definições teórico-conceituais acerca do tema felicidade não basta. A nosso ver, é necessário coragem para encarar o nosso próprio (não) ser feliz, interrogando o que sentimos, o que é felicidade, o que nos deixa felizes e de que modo provamos a felicidade. Como ela nos passa, nos acontece, revelando-se a ou se escondendo de nós.

Defendemos, com isso, a coragem como elemento essencial para encararmos se, como ou quando a felicidade, como experiência, nos passa, nos toca, nos acontece. Para sustentarmos nosso gesto corajoso de falar sobre felicidade no minicurso UNISALE FELIZ, precisávamos desbravar o caminho, fazendo do tema experiência para que deste lugar pudessemos, corajosamente, fazer a travessia dentro de nós mesmos e nos tornando capazes de delimitar e conduzir o referido curso. Logo, como preparação para o evento, uma de nossas primeiras tarefas foi, justamente, a reflexão e escrita, em duas narrativas, sobre o modo como definimos felicidade;

sobre como somos ou não felizes e sobre aquilo que nos faz brilhar ou nos apaga nas relações e nos acontecimentos que nos cercam.

A coragem, nos coloca Guimarães Rosa (1956), é imperativa à travessia de nós mesmos. Imperativa à sensibilidade necessária para nos percebermos a ponto de sermos capazes de flagrar as horinhas de descuido (Rosa, 1956) em que a felicidade, acreditamos, nos alcança, nos passa e se faz sentir. Nessa mesma direção, compreendemos que a “experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo.” (Larrosa, 2018, p.25).

Travessia, se dá, deste modo, do ato de caminhar, atravessar vendo este caminho como possibilidade para que a felicidade também nos atravesse, nos aconteça, nos passe. Para tanto, precisamos de coragem para encarar tais perguntas, entendendo o perigo de nos encontrarmos não com respostas simples, mas apenas com (nossas) ausências. Dito de outro modo, em um primeiro movimento por respostas para perguntas tão grandiosas, tendemos a vasculhar nosso exterior à procura de dizeres que, ainda que pouco digam sobre o que sentimos, nos apaziguam.

Ao sermos impelidos, como membros do UNISALE, a apresentar nossa definição própria para o termo ‘felicidade’, nos deparamos com a sabedoria de Dona Maria, mãe de Kely, ao interrogá-la: “já procurou no dicionário?”. Perguntamo-nos: É possível caber ali?

Dona Maria nos desestabilizou em sua franqueza, transparecendo a clareza e tranquilidade dos que não precisam elaborar respostas para as verdades já internas. Ao mesmo tempo, notamos aí também presente o perigo no flerte com meios positivistas para questões que, ao contrário, transbordam a frágil e ingênua estabilidade de uma epistemologia cartesiana. É preciso, na verdade, suportar a ausência de enquadramentos objetivos desta reflexão, encarar sua subjetividade como um princípio teórico e metodológico fundamental a seu próprio fazer e à possibilidade de uma travessia corajosa. Qual é o dicionário de Dona Maria?

Para definir felicidade tentei buscar o dicionário, como sugeriu Dona Maria, e desisti. Não é substância reduzível a um verbete do Aulete ou do Houaiss, me desculpa, Dona Maria. Talvez um dia eu tenha a praticidade da sua sabedoria. Busquei os filósofos, porque sempre se arriscaram a falar das coisas que não se sabe definir. (Carolina - Narrativa 1)

Da inesquecível Dona Maria, percorrendo ainda esferas externas a nós mesmos, fomos aos filósofos (dos gregos aos católicos e iluministas), aos teóricos, aos poetas e aos ensinamentos budistas (Dalai Lama XIV; Cutler, 2000). Tudo à procura de algo ou alguém que nos trouxesse definições capazes de satisfazer às inquietudes que, uma vez despertadas, já não poderiam ser facilmente adormecidas. Ainda que todos eles - os filósofos, teóricos, poetas e monges – tenham colaborado para nosso atravessar, não foram o suficiente. Precisamos passar pela desconfortável percepção de que certas respostas demandam percorrer, também, os caminhos internos, comumente mais tortuosos do que a teoria, a arte ou a religião.

Foi nesse percorrer que descobrimos ser necessário olhar, talvez pela primeira vez desde o início desses tempos incertos e doídos, para nossas feridas e inseguranças deixadas por dias de desesperança<sup>10</sup>. É possível, então, refletir sobre felicidade em tempos pandêmicos? Indo mais além: é possível reconhecer, perceber, sentir felicidade em tempos tão difíceis? É possível, antes de tudo, permitir felicidade nesses tempos? Essas questões nos rodearam e nos confrontaram com nossa própria clandestinidade (Lispector, 1971) do ser feliz, como coloca Kely, também autora deste artigo, em sua narrativa:

Acredito que, em consequência das restrições advindas da Covid-2019 instaurada no mundo inteiro, fomos todos convocados a pensar naquilo que venha ser ou fazer sentido para nossa vida. Eu fui um desses sujeitos que entrei no barco 2020, nessa grande Travessia em busca de novos sentidos (...). Felicidade, por que não me autorizei a vivê-la inteiramente? Por que me limitei a sentir-te apenas em fatiados momentos? Por que pareceu-me que com a pandemia fomos obrigados a vivê-la na clandestinidade? Por que não ser feliz mesmo em tempos de luta? Interpretando Clarice Lispector, antes vivê-la na clandestinidade do que não vivê-la. (Kely - Narrativa 1)

Reconhecer a clandestinidade da felicidade em tempos tão incertos nos fez questionar sobre as (im)possibilidades de ser feliz em contextos em que a esperança parece inexistente e a dor é contínua, coletiva e certa. O quanto do ser (in)feliz é externo a nós? Ao *ser* (no sentido do sujeito)

---

<sup>10</sup> Referimo-nos aqui, de modo especial, aos desdobramentos vivenciados a partir da pandemia do COVID-19 iniciada no Brasil em meados de março de 2020.

feliz? Sem saber, alcançamos, individualmente em nossas escritas, conclusões muito similares, ainda que contextualizadas em singularidades, como vemos nas narrativas abaixo:

Tendo em vista esses pensamentos, para mim, a felicidade é o sentimento que temos quando estamos bem/nos contentamos com a realidade da forma que ela é, com nossa vida da forma que ela é e com nós da maneira que somos (mesmo sabendo que há coisas que precisam melhorar). Isso porque a felicidade não depende de situações externas, ela depende de nosso estado mental. (Nathalie - Narrativa 1)

Ou seja, ser feliz não depende do outro, não depende que uma situação melhore. Ser feliz é olhar para dentro de si mesmo, encontrar-se e sair para fora, expor-se com cuidado, respeito, mas sem medo. (Kely - Narrativa 1)

Tenho tentado me ouvir, me cuidar, não deixar a minha felicidade ser sufocada, como foi dito na reunião. Tenho me aceitado e me autorizado a ser feliz, mesmo com momentos ruins, que fazem parte da experiência que é viver. (Brenda - Narrativa 1)

A interioridade da felicidade trouxe consigo percepções a respeito daquilo que levamos em nós, aquilo que nos pertence, que nos torna sensíveis à felicidade. Conseguimos apreender o modo como a felicidade é por nós experimentada ou denegada, nos passa, nos acontece ou nos foge. Não coincidentemente, a noção de “propósito” e “sentido”, profissional ou mais abrangente, foi recorrente para representar aquele “de dentro” que é alheio aos contextos externos. Isto é, para que pudéssemos falar sobre as verdades de nós mesmos e seu papel fundamental na construção do nosso *ser* feliz ao nos percebermos traspassados pela felicidade em seus desdobramentos. A vida pode ser um belo desdobramento do modo como experimentamos felicidade, como Brenda nos ensina:

Um dos sentidos que tenho encontrado para mim, é ser professora. Meu sonho é ensinar, não só a teoria, mas de forma que os alunos possam experimentar a vida. Ser professora não é fácil, mas traz uma gratidão imensa, traz esperança. (Brenda, Narrativa 1)

Falta dizer do propósito. Tenho plena consciência de que me tornei mais feliz quando o encontrei nos mais diferentes âmbitos da vida. É aquele sentimento de saber que há um sentido para essa raridade que é estar vivo. (Carolina, Narrativa 1)

Nesse sentido, com o reconhecimento de nossas próprias verdades, após certo amadurecimento da reflexão, tornou-se claro que não há uma ligação direta e sem controvérsias entre fatores externos e o nosso ser feliz. Paradoxalmente, ao mesmo tempo compreendemos que

sua desconexão é, também, improvável. Assim, em uma relação dialética entre o que habita o nosso “dentro” e o que existe em nosso “fora”, percebemos a felicidade como algo intrínseco ao ser na mesma medida em que só pode ser consolidada no (com)partilhar da travessia:

Quando eu era mais nova acreditava que não era preciso a troca, a companhia, o outro, para ser feliz. Acreditava que a felicidade precisava de eventos incríveis para acontecer. Foi preciso viver e ser atravessada por experiências que pareciam ser desprovidas de toda a felicidade para perceber que ela não é, ela está, e que se há essa troca genuína ela existe no pior dos contextos. (Carolina, Narrativa 1)

Compartilhar experiências é bom caminho para fazer a felicidade florescer. Agregando aos princípios básicos do projeto UNISALE, de ser ponte, de interligar, de ouvir, de relacionar, de construir, vamos agora buscar juntos, a começar em nós mesmos, encontrar e compartilhar felicidade. (Kely, Narrativa 1)

Encontrar essa possibilidade do existir em um equilíbrio dialético entre o de “dentro” e o de “fora” não foi fácil. Aliás, esta busca se revelou, na verdade, perigosa; desafiadora, inquietante, incômoda, na medida em que nos “desacostuma” e nos força o movimento, a travessia. Colassanti (1996), em uma de suas crônicas, afirmou que “a gente se acostuma, mas não devia”. Acostumamos a não falar sobre felicidade, a não olhar para nós mesmos e a buscar sempre no exterior, no referencial teórico, as respostas para as inquietações que habitam o mais profundo daquilo que somos em nossa constituição subjetiva. Não deveríamos!

Ao nos acostumarmos a nos desligar dessa parte de nós, nos sujeitamos a uma vida que é menos feita de experiências e mais entulhada de informações (Larrosa, 2018). Se o que nos habita são informações que nos desocupam de nós mesmos, em nós, pouco estamos. Acostumamos-nos, deste modo, a não sermos presença (Biesta, 2017). Assim, “para evitar feridas” e “poupar a vida” nos sujeitamos ao risco de gastá-la por “tanto se acostumar” e, por fim, de “perdê-la de si mesma” (Colassanti, 1996).

Definitivamente, sujeito da experiência não é “o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer”, mas sujeito como “território de passagem”, como “lugar de chegadas” e de doação, “espaço de acontecimentos”, lugar de viver, sentir, de exposição, de se tornar presença (Larrosa, 2018, p.24). O autor nos impele, assim, a

compreender a necessidade de adentrarmos camadas de nossa subjetividade, no lugar de tentarmos uma busca desenfreada por uma verdade acerca do que somos.

Do mesmo modo, devemos fugir à tentação que tanto nos ronda nos tempos atuais, de nos encher de informação, pois assim, estamos, ao mesmo tempo, esvaziando-nos de nós mesmos. Percebemos que o sujeito da atualidade tende a se entupir de informação guiado pela ilusão de que ela lhe trará segurança e respostas cristalizadas para suas inquietações internas e pela busca de sua essência. Impossibilitando, deste modo, fazer-se sujeito da experiência e aí se encontrar presente. Com as palavras de Biesta (2017, p.79), entendemos, portanto, que, “em vez de procurar a substância ou essência do ser humano, devemos perguntar onde o ser humano como indivíduo único se torna presença”.

Biesta (2017) nos instiga, deste modo, a pensar no sujeito não como “*o que*”, mas sim como “*onde*” esse sujeito singular se torna presença (p. 67). Do mesmo modo, o autor nos lembra que igualmente importante é a compreensão de que o sujeito pode se tornar presença apenas na relação com o outro. Isto é, tão importante como onde o sujeito encontra vazão para se tornar presença, é compreendermos que ele somente terá a oportunidade de ser nas relações sociais. Nas palavras do autor: “o tornar-se presença do sujeito como um ser singular, como alguém um, só pode ocorrer no que se poderia chamar, de modo pouco preciso, uma situação social.” (Biesta, 2017, p.72)

No trabalho aqui apresentado, fruto de um longo caminho de reflexão, elaboração e condução do minicurso, colocamo-nos na travessia do desacostumar-se, para que a partir daí nos fosse possível, tornarmo-nos presença (Biesta, 2017); logo, sensíveis à experiência e, dessa maneira, à percepção do que venha ser felicidade e de como deixamos ou não que ela se faça eco em nós e nas relações que estabelecemos com o outro à nossa volta. Colocamo-nos, desse modo, atentos e presentes para que ela nos pudesse passar, acontecer, atravessar, ou para que, simplesmente, conseguíssemos perceber suas sutis manifestações. Tornar-se presença implica, portanto, ação, abertura, movimento e interesse pelo outro. Conforme Biesta (2017, p. 74-75),

só podemos nos tornar presença naquelas situações que agimos sobre seres que são capazes de suas próprias ações. Tornar-se presença [...] implica assim vir a um mundo

povoado por outros iniciadores, um mundo de pluralidade e diferença. Agir é, portanto, mais do que simplesmente vir ao mundo e impor seus inícios aos outros [...] Tornar-se presença, é, portanto, uma apresentação a outros que não são como nós.[...] (BIESTA, 2017, p.74-75)

Finalmente, vemos, com isso, que tornar-se presença é também da ordem do agir e do suportar a própria presença e a presença do outro. É também da ordem do interesse e da escuta daquilo que sentimos, ouvimos e somos. A nosso ver, tornar-se presença é, por fim, elemento essencial para que a experiência se faça, aconteça, passe, atravesse e transforme o sujeito. Dito de outro modo, acreditamos que ambas as instâncias estão intimamente imbricadas: tornar-se presença é estar aberto à experiência.

Dessa maneira, argumentamos que se a felicidade só é possível no *ser* que ousa se fazer presença, que reúne coragem para o *estar* consigo e com os outros em uma relação fundamentalmente aberta à experiência, ser capaz de percebê-la, de flagrá-la em si mesmo, é concomitantemente alívio e desconforto. Isso porque exige de nós a capacidade não só de ver, mas de reparar, no sentido de Saramago (1995), naquilo e naqueles que nos proporcionam a experiência do *ser/estar* feliz juntamente a nossas próprias subjetividades.

Assim, não encontramos outra alternativa que não assumir a nós mesmos como sujeitos território de passagem (Larrosa, 2018) e que, desse modo, só possuímos esse instante para ser feliz. A felicidade está na travessia, não, necessariamente no ponto de partida ou na linha de chegada. Esta compreensão, por sua vez, é repleta deste peculiar alívio-desconforto que persegue os que já não conseguem retornar a um fictício ponto de partida e precisam, irremediavelmente, assumir para si as (im)possibilidades de sua travessia pela felicidade:

Gente é pra brilhar, cantava Caetano Veloso. Vai ver felicidade é sobre isso também, sobre cercar-se de quem e do quê te brilham. Coincidentemente (ou não), no mesmo dia a professora Valdeni pediu que refletisse sobre a frase “só tenho o agora, este instante para ser feliz” – foi difícil, foi também um alívio. (Carolina, Narrativa 2)

É a partir desse entendimento, de que a felicidade só se faz possível na presença e no presente do sujeito, que foi elaborado o minicurso “UNISALE FELIZ: Interrogando e discutindo o (não) ser feliz na atualidade”. Na próxima seção, este minicurso será detalhado à luz das discussões até aqui desenvolvidas. Pretendemos demonstrar como essa ação deu corpo às nossas

reflexões e foi por elas embasada, dando sentido ao dizer do autor alemão Goethe, que dá título à seção subsequente.

#### 4. “NA PLENITUDE DA FELICIDADE, CADA DIA É UMA VIDA INTEIRA” (GOETHE)

Conforme dito outrora, em um movimento de dentro para fora, navegamos em busca do entendimento do nosso próprio (não) *ser* feliz nos tempos atuais, sendo, com isso, impelidos ofertar para a comunidade escolar-acadêmica o minicurso “UNISALE FELIZ: Interrogando e discutindo o (não) ser feliz na atualidade”. Composto por dois encontros online e síncronos, espaçados em uma semana, o minicurso foi principalmente norteado pela certeza de que nada é tão valioso quanto a compreensão do valor inestimável que cada dia, cada momento e cada encontro possui. Esta certeza tende a ser sufocada pelas (pre)ocupações cotidianas que nos esmagam e nos retiram do ser presença; nos retira das relações, do tempo presente e das pequenas maravilhas que dão sabor a nosso viver. O olhar que livre se deixa encontrar por uma árvore que sempre esteve ali, mas que agora se revela florida. Como nos lembra o pensamento de Goethe que abre a presente sessão, a felicidade exige abundância de vida e de sentido no tempo presente.

O preparo para a realização do minicurso demandou um caminho repleto de dores e de delícias vivenciadas por seus idealizadores. Muito além das technicalidades ou burocracias comuns a um evento acadêmico, fomos instigados a compreender a felicidade à luz de nossas próprias subjetividades, para somente a partir daí expandi-las para o coletivo. Esse preparo se constituiu como o maior diferencial do processo e, por consequência, do minicurso ministrado, já que fomos os primeiros a nos compreender imersos ou subtraídos da possibilidade de ser feliz, conforme apontado ao longo do presente trabalho. Fortalecidos e mais cientes daquilo que nos iluminava, apagava e nos roubava de nós mesmos, pudemos debater o (não) ser feliz com professores e alunos do Ensino Básico e Superior.

Antes mesmo do evento síncrono, trouxemos aos participantes, por meio do formulário de inscrição, o questionamento que tanto nos intrigou ao longo de nossa própria preparação: “*Como você está?*”. A tentativa de ressignificar essa pergunta já banalizada em nossa sociedade e em nossas



práticas educativas, a partir da introdução dela em um formulário de inscrição para um evento acadêmico, causou o efeito esperado e proporcionou, em sua maioria, respostas carregadas de significado que fugiam ao tradicional e banal “*Bem, obrigada*”. Frente a essas respostas, pudemos perceber a ansiedade e a angústia que acometiam os inscritos e que motivavam a nossa iniciativa, como percebemos nos seguintes depoimentos:

Não sei. Vou ansioso e oscilante. (Participante 1, formulário de inscrição)

Eu vou indo, tentando. Já fugindo da pergunta né kkk... Eu vou meio mal, não nego, mas sinto que sou sortuda por não estar completamente só. As coisas vão se acumulando e parece mais tranquilo fugir, ignorar. Mas eu encaro. No meu tempo, eu encaro. E continuo tentando. (Participante 2, formulário de inscrição)

Esses excertos retomam nossas reflexões ao lado de Colassanti (1972) sobre o acostumar-se a uma vida esvaziada de felicidade nos sentidos que aqui trabalhamos e nos auxiliaram na construção de um evento que visasse ao “desacostume”, à saída do automático, à ausência do sujeito do momento presente. Entramos online com “a cara e a coragem”. Dito de outro modo, em tempos remotos, em que a corporeidade dos eventos acadêmicos se perdeu, nosso intuito de levar o sujeito a se tornar presença (Biesta, 2017), de desacostumar e proporcionar um ambiente de experiência (Larrosa, 2018) para que se pudesse indagar a (in)felicidade se mostrou ainda mais desafiador.

Planejamos um minicurso que fosse capaz de estabelecer essa presença, ainda que virtual, lançando mão da arte, da partilha, da reflexão entrelaçados a conceitos teóricos. Assim, preocupamo-nos em construir um tom que favorecesse a partilha por parte dos participantes, instigada pelo uso da música, do teatro, da poesia e do cinema. Esse próprio desvio dos padrões estéticos esperados para o gênero de apresentação em questão colaborou para desconstruir o “acostumar-se” que se consolida na ausência de instrumentos e orientação para que possamos falar sobre nós mesmos e, dessa maneira, encarar e suportar nosso *ser feliz*. Os resultados desses desvios e inversões do padrão científico-acadêmico foram vistos no decorrer de nosso evento, via videoconferência. A exemplo, em um de nossos primeiros momentos de partilha, quando questionamos: “*Quem é você?*” - que objetivava a construção de um movimento de entender e

conhecermos a nós mesmos, de nos tornarmos presença (Biesta, 2017) - os participantes se veem instigados a adentrar em outras camadas de si na tentativa de formular alguma resposta. Vejamos abaixo:

Difícil pergunta! Somente sei que serei sempre alguém em formação, porém acho que nunca me conhecerei por completo, pois a vida é dinâmica. (Participante 3, bate-papo da videoconferência)

Sou uma pessoa com minhas dificuldades e minhas qualidades que procura estar bem! (Participante 4, bate-papo da videoconferência)

Com o decorrer do minicurso no primeiro encontro, os participantes foram demonstrando maior abertura e profundidade ao compartilhar conosco seus pensamentos, dizeres e sentimentos, o que revela o efeito do debate promovido pelo evento. Isto é, caminhando com nossas discussões ao longo do encontro, lançamos um novo questionamento (“*O que é a felicidade?*”) respondido de forma mais livre e profunda. Em suas declarações, os participantes mencionaram, de maneira mais elaborada, questões como autoconhecimento, complacência para consigo mesmo, promoção de bem-estar e a própria busca pela felicidade. Algumas dessas definições são elencadas a seguir:

Percebi que eu estava sempre esperando alguma coisa pra ser feliz, e comecei a direcionar a felicidade pra coisas que não fossem metas, ou objetos... tô respirando, refletindo, escrevendo tentando descobrir o que me deixa feliz pra não achar que felicidade é viagem, carro, diploma... (Participante 5, bate-papo da videoconferência)

Eu associo minha felicidade com gratidão, não necessariamente sob uma ótica espiritual, mas sinto-me grata pelas experiências, sejam elas quais forem. Tento me permitir ter momentos de outros sentimentos (raiva, revolta, tristeza, etc.) como pequenas interrupções nesse estado de gratidão, porque ninguém consegue estar feliz o tempo todo afinal, mas sei que o momento difícil passa e, ao passar, deixa marcas de aprendizagem. (Participante 6, bate-papo da videoconferência)

Ao final do primeiro encontro, deixamos aos participantes a tarefa de compartilhar uma foto, acompanhada de uma frase, que definisse felicidade em suas vidas. Buscávamos, assim, levar os participantes a reconhecer e apreender situações, lugares, pessoas com os quais ele se flagrava feliz e capaz de sustentar tal sentimento. Os envios, de cunho profundamente pessoal, muitas vezes envolveram familiares e partes da trajetória dos participantes que foram, de fato, experiência. O

engajamento dos participantes foi total e tivemos a honra de adentrar esses espaços sagrados de cada um, para além do que podemos aqui deixar registrado. Percebemos aí também efeitos significativos de nossas reflexões nas definições de felicidade de nossos participantes, o que nos aponta que trilhamos um caminho que de algum modo tocou a forma com que se veem no mundo, na relação consigo, com o outro e com o seu ser feliz.

A partir do material recebido, criamos um mural virtual para o evento através da ferramenta *Padlet*. A partilha desses momentos, feita já no segundo encontro, foi repleta de entusiasmo e emoção, nos indicando que conseguimos guiar nosso participante rumo a uma reflexão mais bem elaborada sobre (não) ser feliz, mesmo em tempos de desassossego, de perigos e de tamanhas ausências.

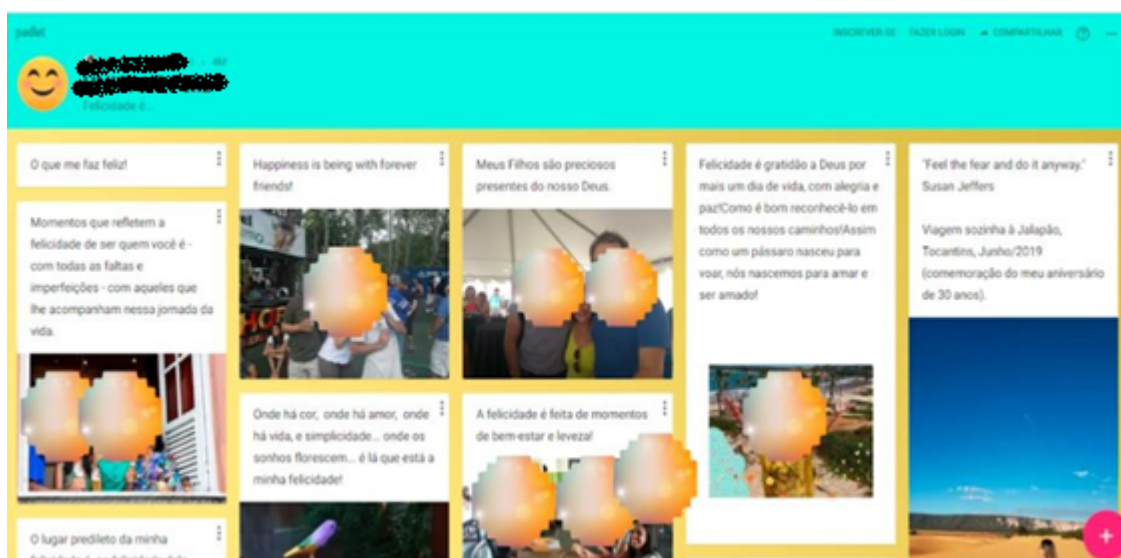


Figura 1: fragmento do mural virtual UNISALE Feliz. Fonte: arquivo pessoal.

Dessa maneira, em nosso segundo encontro reafirmarmos, por fim, nosso propósito de adentrar o sagrado do outro, em uma epistemologia que reconhece e celebra a subjetividade, impelindo o sujeito a suportar sua própria e singular felicidade. O compartilhamento das fotos, frases dos participantes e das reflexões que fizeram ao longo da semana que separava os dois encontros propiciou nosso aprofundamento no universo particular de cada um, o que gerou forte emoção, empatia e cumplicidade por parte de todos os envolvidos.

Cabe dizer que a semana em questão foi especialmente dura, com uma alta substancial no número de fatalidades devido à Covid-19, chegando a triste marca de 500000 mortos, e o decorrente endurecimento do isolamento social na maior parte do país. Frente a esse cenário, o desafio de continuar a sustentar nossa proposta de falar sobre felicidade foi acentuado. Mais uma vez, precisamos reacender no grupo a capacidade de falar de felicidade, mesmo em meio a tanta dor, por todos os lados.

Deste modo, a força das reflexões que havíamos mobilizado até aquele momento, nos permitiu dar sequência a nosso propósito, na medida em que reconhecemos oscilações, desvios e desafios de ser feliz, sem abandonar sua urgente e inegável possibilidade. Como explorado no filme que tanto iluminou nossas discussões no encontro final do minicurso, *a vida é bela*<sup>11</sup>, mesmo quando o perigo nos ronda ou até mesmo nos encontra. A vida continua pulsante, teimosa e linda.

Os questionários, os registros, os relatos, fotos e imagens que recebemos de nossos participantes demonstraram o alcance do UNISALE Feliz, ainda que não sejam capazes de revelar a plenitude de seu impacto sobre a vida daqueles que dele participaram. Este, aliás, nunca foi nosso objetivo, pois entendemos que a nós cabe apenas interrogar, provocando uma discussão e reflexão que entendemos ser crucial neste momento e para a vida toda. No entanto, somente ao outro cabe encarar (ou não) o desafio de olhar para si e de se responsabilizar (Reis, 2018) pelo que vê e faz, modificando seu caminho quando/se for possível. Desejamos, somente, que o retorno que recebemos de todos os nossos participantes, continue a produzir efeitos positivos em sua subjetividade e no modo menos automático de se colocar nos eventos e nas relações. Esperamos que todos sigam em sua travessia para um modo mais curioso e aberto à experiência que vive a nos rondar.

## 5. E NO FIM, O RECOMEÇO: NOVO TEMPO?

---

<sup>11</sup> Referimo-nos ao filme *A vida é bela* (*La Vita è bella*) de Roberto Benigni, 1997.

Ao iniciarmos essa travessia, estávamos ainda em meio à pandemia do COVID-19, que desestabilizou nossas pretensas certezas sobre o fazer da sala de aula e sobre nós mesmos. O isolamento social físico, medida de segurança no combate à pandemia, transformou-se em um isolamento também de nós mesmos e de nossas relações com o outro. Isso tornou ainda mais árduo, quando não impossível, o já inconstante e frágil encontro com a felicidade – pouco estimulado ou interrogado em nossa sociedade, mesmo em tempos pré- pandêmicos.

Entendendo que era necessário e urgente posicionar a universidade nesse momento de crise social e do sujeito, o projeto UNISALE se propôs a redefinir a rota e desestabilizar o modo automático no medo e na insegurança com que muitos estavam vivendo. A universidade deve estar, portanto, pronta à ação e transformação defendidas por Nóvoa (2019). Para o autor, são necessárias ambição e ousadia para que a universidade siga sua vocação de se reinventar continuamente, correndo os riscos e criando diálogos com a sociedade em suas tecnologias e com a vida das pessoas que dela fazem parte. Da universidade espera-se, assim, responsabilidade e transformação, na travessia para um novo tempo.

Nossa travessia demandou, assim, seriedade e coragem para que, correndo todos os riscos, nos desacostumássemos de estruturas e posturas que nos limitavam em nossas emoções e perspectivas. Não compreendíamos a beleza e profundidade do aqui, do agora; do que sinto e do que isto significa para mim e para o outro. Era preciso compreender que não há felicidade sem que consigamos nos tornar presença onde estamos. Ali estando e abertos à experiência, permitimo-nos a viver as interrogações e dizeres que circundam os (des)encontros e (im)possibilidades de se suportar a felicidade durante ou após a pandemia; com perdas e, às vezes, não sem lágrimas. Assim, o exercício de nos assumir diante das condições e situações que nos rodeiam, sejam elas alegres ou tristes, é o que nos move nesta compreensão mais bem elaborada acerca do que somos.

Assim, retornando a Larrosa (2018 p.24), entendemos que não somos sujeitos da informação, da opinião, do trabalho, do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer, e, somente isso. Muito para além, somos sujeitos como território de passagem; como lugar de chegadas e de doação; como espaço de acontecimentos e de encontros. Somos lugar de viver, de sentir, de exposição. Somos, afinal, sujeitos da experiência, passíveis, portanto, do encontro com a felicidade

em momentos de profunda singeleza ou despreziosos; em que, inadvertidamente, nos tornamos presença. Como acontece, por exemplo, quando nos vemos ‘sofrendo’ uma deliciosa, inexplicável, incontrolável e às vezes vexatória crise de riso.

Concluimos, então, que o UNISALE Feliz fluiu e se fez possível porque nós, sujeitos da universidade, nos dispomos a sair de nossa individualidade e nos expor no trabalho colaborativo. Sem qualquer certeza, mas com a vontade de propor reflexões que nos tirassem de nós mesmos e nos fizessem alcançar o outro. Assim, em um movimento de dentro para fora, procuramos responder ao chamado das demandas do outro em um momento de grave crise, compreendendo, no caminho, que tais demandas eram também as nossas. Esse caminho, por sua vez, nos trouxe possibilidades mais claras de alívio para incertezas futuras.

No fim, compreendemos que o trabalho aqui desenvolvido nos revela a forma como continuamos a nos deparar com a constante demanda para que reinventemos o modo como nos vemos, nos tratamos e nos relacionamos com o outro e com fazeres-dizeres que também nos constituem. Recomeçamos! Um novo tempo surge, travestido de universidade e de ciência; ecoando esperança, embalando recomeços. Não sem dores ou marcas, mas com muito crescimento, compreendemos, como resultados deste estudo, que o recomeço ou reinvenção dos espaços e das relações somente nos é possível no agir colaborativo; no tornar-se presença, na experiência, na travessia. Em última instância, entendemos que é na corajosa entrada nos saberes, nas práticas, nas relações e nos afetos que nos constituem, que podemos, quem sabe, nos deparar com o encanto feliz do novo, apesar dos perigos ou desassossegos que já se foram, que aqui ainda estão, ou que ainda virão. Caminhemos. Atravessemos.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA ONLINE. **Versículos sobre Felicidade**. Bíblia. 2009 – 2022  
Disponível em: <https://www.bibliaon.com/felicidade>. Acesso em: fev. 2023.

BIESTA, G. Tornar-se presença depois da morte do sujeito. In: BIESTA, G. Para além da aprendizagem: **Educação democrática para um futuro humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CAMPOS, I. O.; CONCEICAO, B.. Do canto da sala para o centro da aula.:  
**CALETROSCÓPIO**, v. 10, p. 140-169, 2023.

COLASSANTI, M. **Eu sei, mas não devia**. São Paulo: Rocco, 1996.

DALAI LAMA XIV, S; CUTLER, H. C. **A Arte da Felicidade: Um Manual Para a Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DANNEN, V. **Teaching Online During COVID-19**. 2020. Disponível em:  
<https://vanessadannen.com/teaching-online-during-covid-19/>. Acesso em: fev. 2024.

EDUARDO, A. T. R. **Educação e felicidade: a relação entre ética e política na formação humana**. Dissertação apresentado ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre. - Universidade Estadual de Londrina. 2017.

FERRAZ, R.B; TAVARES, H; ZILBERMAN, M. L. Felicidade: uma revisão. **Rev.Psiq. Clín** v. 34, p. 234-242, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: LARROSA, J. B. **Tremores**. São Paulo: Autêntica, 2018.

LENOIR, F. **Sobre a felicidade: uma viagem filosófica**. São Paulo: Objetiva, 2016.

LISPECTOR, C. **Felicidade Clandestina**. São Paulo: Rocco, 1971.

LINS, I.; MARTINS, V. Novo Tempo. **Novo Tempo**. EMI-Odeon. 1980.

MARTIN, M. W. **Happiness and the Good Life**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

MENDES, A.P.; SILVA, E. Vivências de professores(as) no contexto do ensino remoto em período de pandemia: a inserção do trabalho remoto e as repercussões em sua saúde mental. **Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho**, 26, 2023.

MINOIS, G. **A idade de ouro: história da busca da felicidade**. Tradução de Christiane Fonseca Gradvohl Colas. Editora Unesp, 2011.



**Revista Interdisciplinar**

NÓVOA, A. O futuro da Universidade: o maior risco é não arriscar. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 14, p. 54-70, 2019.

Persuit of Happiness. **History of Happiness**. 2022. Disponível em: <https://www.pursuit-of-happiness.org/history-of-happiness/> Acesso em: fev. 2024.

REIS, V. S.; *et al.* A transgressão da extensão universitária nas fronteiras do aqui-agora: O Ensino-Aprendizagem de Línguas Amanhã e Além. **Linguagem & Ensino** (UCPel), v. 25, p. 150-173, 2022.

REIS, V. S.; CAMPOS, I. O. “Onde Está A Universidade?” Do Discurso Da (Des)Qualificação À Presença Colaboradora. **Revista Imagens da Educação**, v. 11, p. 190-211, 2021.

REIS, V. S. Posição responsável na língua que ensino/aprendo: análise da relação do professor de inglês com as aulas (de inglês) em um curso de formação continuada. **SOLETRAS**, 359- 378, 2018.

ROSA, G. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: José Olympio, 1956.

SELIGMAN, M. E. P., SREEN, T. A., PARK, N., & PETERSON, C. Positive psychology progress: empirical validation of interventions. **American Psychologist**, p. 60, 410– 421, 2005.

SOUZA, S.; MARTINS, F. Impactos da pandemia na educação: o Brasil e a desigualdade social. **Cadernos Cajuína**, v. 7, n.3, 2022.

